

Gustavo Moritz



OS SABERES DOS BEBÊS

As descobertas de diversas áreas do conhecimento a respeito das habilidades e possibilidades dos pequenos até os 18 meses impõem à escola e educadores um novo desafio: ouvir o que dizem as crianças dessa primeira etapa da infância

Nos últimos anos, as descobertas da ciência mudaram nosso entendimento sobre os bebês: eles são muito mais inteligentes do que se supunha, e capazes de aprender e se comunicar desde muito cedo. O entendimento acerca dos saberes das crianças de até 18 meses mostra que elas são cientistas em potencial: adquirem conceitos cotidianos da física ao observarem como os objetos se movem, ou da biologia, através da observação dos seres vivos, por exemplo. Na escola, a socialização entre si e com outros adultos que não seus pais demonstra a capacidade de linguagem. Como define o pedagogo Paulo Fochi, especialista nessa faixa etária, “os bebês são pop”. “Talvez eles nunca tenham aparecido tanto quanto agora. Isso é bom porque estamos tornando-os visíveis, tirando-os da invisibilidade”, define Paulo.

As descobertas realmente são recentes e, por isso mesmo, desconhecidas até mesmo por educadores. “Até os anos 70 compreendíamos os bebês como sujeitos muito passivos, mas os estudos atuais mostram que eles chegam ao mundo com um equipamento muito completo para realizar ações neste mundo”, resume a professora Maria Carmem Barbosa, pesquisadora e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e uma das maiores especialistas em educação de bebês no Brasil. O novo entendimento sobre a primeiríssima etapa da infância, no entanto, tem refletido em como a sociedade e a própria escola veem os bebês.

“Ao mesmo tempo em que os bebês estão se tornando visíveis, há uma preocupação acerca dos discursos que decorrem dessa ‘popularidade’”, reflete Paulo. O especialista se refere ao discurso da estimulação precoce, consequente, principalmente, das recentes descobertas da neurociência. “Nesse sentido há dois pontos de vista: o de que o bebê não é frágil, com o qual concordo, e o discurso de antecipar o desenvolvimento para dar mais subsídios à criança no futuro, sobre o qual sou contra. Precisamos dar tempo para os bebês serem bebês”, defende. “Uma pessoa que se

propõe a estar com bebês tem de ter a esperança da espera: é preciso ver se ele responde. É ter esperança para ver o que ele vai fazer”, define.

Cérebro em formação

Partindo do princípio da educação feita a partir e para a criança, as descobertas acerca do desenvolvimento dos bebês podem ser de grande valia para os educadores e a escola. A neurociência mostra que uma criança chega ao mundo com incríveis 100 bilhões de neurônios. Mais importante do que a quantidade é o que será feito deles. Até os 18 meses, os excessos são podados e as sinapses começam a ser construídas. Até os 3 anos, o cérebro está em formação. É nesses primeiros três anos de vida, portanto, que a interação com o ambiente e a estimulação permitem a construção das sinapses – que é o mesmo que dizer a construção do aprendizado. “Quanto mais cedo um bebê é estimulado, mais rápido se formam as sinapses”, explica a neuropedagoga Irene Maluf. “E quanto mais sinapses eu tenho sobre determinado assunto, mais facilidade terei nele no futuro.”

Aos 18 meses, mesmo sem falar, os bebês já têm um vasto repertório de experiências. A psicóloga Alison Gopnik, da Universidade da Califórnia em Berkeley (EUA), queria saber o quanto os pequenos entendiam o outro. Num teste feito com bebês de 15 e 18 meses, sua assistente oferecia a eles um pote de bolachas e outro de brócolis. Todos optavam pela bolacha (em formato de peixinhos). Mas ao demonstrar – fazendo cara de prazer – que ela gostava mais de brócolis, os bebês lhe ofereciam o pote de brócolis. Para Alison, ficou claro que eles entenderam o gosto do outro.

Os pequenos também são altamente solidários. Cientistas italianos colocaram gravação com choro de outros bebês para ver a reação dos pequenos ouvintes. Eles abriam o berreiro quando ouviam o choro do outro, mas não quando o choro era deles mesmos. Empatia pura. Indo mais além, uma pesquisadora da Universidade de Washington

testou a atenção de crianças de nove meses para língua estrangeira. Quando eles ouviam um DVD com outra língua, não notavam, depois, quando alguém falava nesse outro idioma. No entanto, quando eles eram estimulados por uma professora de língua estrangeira, passaram a perceber quando as pessoas ao seu redor não estavam falando sua língua natal. A conclusão é que o aprendizado para línguas só funciona quando há interação social.

Há ainda estudos que mostram a precoce aptidão para a matemática. Crianças de sete meses foram testadas na Universidade Duke, na Carolina do Norte (EUA), com vídeos e uma caixa de som. Em um monitor, elas viam duas mulheres conversando. No outro, três. Da caixa de som, ouviam ora duas mulheres ora três conversando. Os bebês se voltavam para cada tela conforme as vozes variavam. Kerry Jordan, um dos coordenadores da pesquisa, concluiu que eles conseguiram entender a equivalência entre o número de faces e o de vozes.

Novidades como essas vão, aos poucos, ajudando os pedagogos e educadores a perceber que educar um bebê vai muito além de trocar a fralda. Eles podem, e devem, ser olhados como pequenos aprendizes. A principal diretriz que os educadores têm, até hoje, sobre as capacidades dessa faixa etária provém da teoria dos estágios, de Jean Piaget (1896-1980). O primeiro estágio, das crianças de 0 a 2 anos, é o sensório-motor, fase na qual o bebê busca ter controle motor e aprende com os objetos ao seu redor. "A grande conquista desta fase é a da permanência do objeto, ou a capacidade de entender que esses objetos vão continuar existindo, mesmo que ele não esteja mais vendo", explica a neuropsicóloga Christina Iglésias. Embora seja obrigatório o conhecimento da teoria dos estágios nas faculdades de pedagogia do país, Piaget sozinho já não dá conta da complexidade do ser humano em seus primeiros meses de vida.

Uma pesquisadora que tem sido bastante estudada recentemente é a pediatra austríaca Emmi Pikler, diretora do Instituto Lóczy, em Budapeste, na Hungria. Seu trabalho à frente do instituto

transformou o local, de instituição para órfãos e abandonados, em centro de formação e referência na prática da educação dos 0 aos 3 anos. Entre os princípios da pedagogia Pickler-Lóczy estão: o valor da autonomia, através do desenvolvimento livre da motricidade, jogo e atividade autônoma; o valor da relação afetiva privilegiada, através dos cuidados fisiológicos; o valor da estabilidade e continuidade dos cuidados à criança e fazer a criança consciente de si mesma e de seu entorno, através do respeito e promoção da iniciativa da criança em sua vida cotidiana.

Paulo Fochi lembra que o interesse de diferentes áreas do conhecimento pelos bebês é recente. "Há até dez anos atrás, os estudos da psicologia, da saúde, e todos os outros, na maioria, eram estudos laboratoriais, *in vitro*. Ou seja, colocavam-se as crianças em verificações 'a priori', nunca as pesquisas se faziam a partir delas. Na pedagogia, ainda há pouca coisa – e quando há, se tem um ranço da psicologia desenvolvimentista", analisa o especialista, que defendeu, em 2011, dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sobre o que os bebês fazem no berçário sem a intervenção adulta. "Eles conseguem fazer muita coisa sem que alguém tenha de estimular", observa.

Currículo para bebês

Uma das principais características da educação de bebês é que os educadores dessa fase precisam de uma formação específica, o que inclui aprender com seus alunos diariamente (*leia mais sobre a formação dos professores na página 36*). Primeiro, é preciso decodificar a linguagem deles através de todas as suas manifestações. "O bebê, que já procura o olhar da mãe ao ser amamentado, tem sempre a necessidade de chamar a atenção do adulto, seja através do olhar, do choro, do riso ou quando começa a engatinhar, indo em direção aos mais velhos", destaca Lígia Ebner Melchiori, professora doutora do Departamento de Psicologia da Unesp e autora do livro *Linguagem de bebês: manual de estimulação* (Editora Juruá). Quando estão no berçário e se reconhecem entre seus

PARA SABER MAIS

pares, ficam muito entusiasmados e estabelecem contato. “Eles tentam interagir com gritinhos, toques, olhares e sorrisos”, complementa Maria Carmem. “Eles são grandes comunicadores”, define.

Segundo, é preciso entender que os bebês aprendem com absolutamente tudo. Tacyana Karla é uma das autoras do livro *Os saberes e as falas de bebês e suas professoras* (Editora Autêntica), resultado de uma experiência realizada na segunda metade da década de 2000 na rede municipal do Recife. O projeto foi realizado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde a professora fez seu mestrado e doutorado. Durante um ano, em encontros mensais, as professoras das creches da prefeitura debatiam com a equipe da universidade suas práticas e o desenvolvimento das crianças. O projeto, além de ajudar a estimular a prática das docentes da rede pública, foi um aprendizado geral sobre quando e como os bebês aprendem. O “currículo” do bebê, resume Tacyana, está centrado nas experiências de aprendizagem. É nas interações com pessoas e com objetos que eles vão assimilando o conhecimento. A professora dá um exemplo: “Quando um bebê manipula um objeto que a professora disponibiliza, ele descobre se ele é leve ou pesado, percebe sua textura, a sonoridade – que pode lhe causar estranhamento ou alegria –, aprecia suas cores e formas e, por fim, dá uma finalidade ou um sentido de acordo com seus próprios interesses”.

Organização do espaço

Para ativar toda a capacidade investigativa dos pequenos cientistas é preciso que o ambiente seja rico em informações e organizado de forma que os próprios alunos o explorem. Uma sala limpa, iluminada, com fácil acesso aos materiais, segura, porém desafiadora, é um convite para os bebês fazerem suas próprias descobertas. Maria Carmem recomenda para bebês mais novos o uso de espelho, tapetes, rolinhos e almofadas que ajudem a sustentá-los e que favoreçam seus movimentos.

Mas, embora importante, não é a infraestrutura que faz a diferença no dia a dia de um berçário, mas a ternura, o afeto e a criatividade das

- *A vida do bebê* – Dr. Rinaldo de Lamare (Editora Agir)
- *125 brincadeiras para estimular o cérebro da criança de 1 a 3 anos* – Jackie Silberg (Editora Ground)
- *Como multiplicar a inteligência do seu bebê* – Glenn Doman (Editora Artes e Ofícios)
- *Educar os três primeiros anos – A experiência de Lóczy* – Judit Falk (org.) (Junqueira e Marin Editora)
- *Os saberes e as falas dos bebês e suas professoras* – Tacyana Karla Gomes Ramos e Ester Calland de Sousa Rosa (Editora Autêntica)
- *1 cento linguaggi dei bambini* – Lores Malaguzzi (Edizioni Junior)
- *The philosophical baby – What children’s minds tell us about truth, love, and the meaning of life* – Alison Gopnik, Farrar, Straus and Giroux
- *The scientist in the crib – What early learning tell us about the mind* – Alison Gopnik, Andrew N. Melzoff, Patricia K. Kuhl, William Morris and Company
- *Linguagem de bebês: manual de estimulação* – Lígia Ebner Melchiori (Editora Juruá)

educadoras. “Não é preciso nem brinquedo caro”, afirma a professora Lígia, da Unesp, com conhecimento de causa. Ela coordena um trabalho nas creches da rede municipal de Bauru, interior de São Paulo, com os alunos do último ano de psicologia da universidade. “Tampinhas coloridas, tampas de panela e copos de plástico já são de grande valia.”

A experiência de duas professoras da rede municipal de Recife, relatada no livro *Os saberes e as falas de bebês e suas professoras*, comprova a afirmação da professora de Bauru. Elas transformaram um berço em brinquedo ao virarem o móvel e estimularam as crianças a explorar aquele novo objeto com escaladas e engatinhadas. No final das contas, afirma a gaúcha Maria Carmem, os bebês não precisam de grandes programas de estimulação. “O que eles precisam é de contextos ricos e de pessoas que sejam encantadas com eles, querendo lhes oferecer as melhores oportunidades” ■ (Colaborou Isabela Barros)

O DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS

IDADE / CONQUISTA

ATIVIDADES SUGERIDAS



Três meses
Rolar no chão

Quatro meses
Se sentar encostado sem cair

Seis meses
Se sentar sem apoio

- Nessa fase o bebê se manifesta por sorrisos. A estimulação e o fortalecimento do vínculo mãe/bebê são importantíssimos.
- Chocalhos coloridos são ótimos quando usados por um adulto que os pode balançar cerca de 25 cm de distância da criança, lentamente, estimulando a fixação do olhar infantil. Pulseirinhas com sons também servem a esse fim.
- Móveis são muito bem-vindos e estimulantes a partir dessa idade, assim como brinquedos de plástico na banheira.
- Curiosidade: a partir dos quatro dias de vida, a maior parte dos bebês já consegue prestar atenção aos sons e às palavras. A introdução da música enquanto brincam no colo e sobre o chão aumenta o potencial de aprendizagem: podem-se colocar objetos macios, sonoros e coloridos para os estimular a se esticar e pegar esses brinquedos.
- Conversar com eles com carinho, cantar e estimular é muito útil. E bem-vindo.
- Sentar muda o ângulo de visão da criança, que adquire desenvoltura na mobilidade corporal e habilidades manuais. Essa mudança permite grandes conquistas também na área da comunicação social: sorri em resposta ao sorriso do adulto, começa a gostar de ficar com outros bebês, balbucia, pega dois objetos entre suas mãos, segue com facilidade os objetos em movimento, desenvolve a visão para cores e a atenção.
- É a idade das argolas, bichos de plástico seguida da introdução dos blocos macios para encaixe (posterior), brinquedo de morder, brinquedos que deslizam no chão etc.
- Brincando, o bebê desenvolve a capacidade de se manter de cabeça erguida quando de bruços e passa para a posição de costas. Uma nova aquisição, que leva à próxima...
- É a hora de incrementar os tapetes sensoriais, onde há o que puxar; objetos que fazem sons; pedaços de tecidos com diferentes texturas e cores; material adesivo (velcro); brinquedos de encaixar que formam torres e que depois podem ser derrubados e reconstruídos com a ajuda de um adulto. Introduzir brinquedos próprios para a idade à venda no mercado.
- Bater tampas de painéis, brincar com o bate-pino, deixar cair objetos e recuperá-los: bebês gostam dos sons produzidos pelas batidas e aprendem quando o adulto fala sobre o que acontece com o objeto: "a bola caiu no chão", "a bola rolou!" ou ainda "vou pegar a bola para você". Essa verbalização auxilia a criança a compreender o que se pode fazer com o objeto, além de auxiliar a compreensão da linguagem.

IDADE / CONQUISTA

Sete meses

Começa a ficar em pé com apoio

Nove meses

Começa a andar, ainda usando o suporte

10 meses

É capaz de ficar momentaneamente sozinho sem apoio

12 meses

Começa a andar sozinho, sem apoio

14 meses

Pode andar para trás, sem apoio

17 meses

Pode andar alternando etapas, com pouco ou nenhum apoio

18 meses

Capacidade de manipular objetos com os pés durante a caminhada, como chutar uma bola

ATIVIDADES SUGERIDAS

- A mobilidade corporal faz com que os objetos do meio ganhem importância especial, sendo um ambiente a ser descoberto e do qual ele deve ser protegido, pois não conhece os perigos.
- As brincadeiras sob a supervisão do adulto são importantíssimas, sempre explorando a verbalização e denominação dos objetos e situações.
- Brincadeiras de esconder-aparecer com o uso de uma fralda ajudam a amenizar a angústia de achar que o que não se vê não existe mais.
- É época das mantinhas e fraldinhas para dormir, que ajudam a tranquilizar a criança.
- Adoram brincar com a água e a hora do banho pode ser explorada com atividades com boias coloridas, flutuadores, bichinhos e esponjas.
- Adoram quando os adultos os seguram para que possam treinar os primeiros passos. Piscina de bolinhas, brincar no playground pode ser estimulante.
- Gostam de explorar o meio ambiente e usam as pessoas para alcançar seus objetivos.
- Brincam com cubos, mas ainda não conseguem colocá-los na sequência de tamanhos.
- Gostam de puxar brinquedos que deslizam.
- O desenvolvimento cerebral deve ser muito estimulado com leituras diárias, muita "conversação", visita a locais diferentes onde ele possa correr, brincar com crianças e conhecer novos adultos.
- Brincar de esconder ajuda a desenvolver a memória.
- Brincadeiras no playground, massinha e argila de areia são apreciadas.
- A família é um porto seguro do qual a criança não prescindir: o contato físico e amor são insubstituíveis.
- As lojas têm muitas ofertas de brinquedos para essa idade, mas é possível fazer uso de objetos caseiros como panelas, baldes, panos e criar a melhor das brincadeiras.

Fonte: Irene Maluf, especialista em psicopedagogia, Educação Especial e neuroaprendizagem, e Christina Iglesias, neuropsicóloga



A BEBETECA DA UFMG SE PREPARA PARA RECEBER A FAMÍLIA: O LOCAL ABRIRÁ AOS SÁBADOS, PARA QUE OS PAIS POSSAM SENTAR COM SEUS FILHOS E LER UM LIVRO

AMOR PELOS LIVROS

A partir dos seis meses, os bebês já podem participar de situações em que a mãe, o pai, o professor ou algum outro mediador lhes mostrem gravuras e contem histórias: experiências para serem vividas na bebeteca

Guilherme pega seu livro de pano e o amassa. Depois, coloca na boca. Seus grandes olhos azuis não desgrudam um segundo do presente que ganhou dos tios no último Natal. De tecido e com desenhos de animais, o livrinho é feito especialmente para leitores que, como ele, devoram suas páginas com os olhos, com as mãos e com a boca. Babam nas histórias, literalmente. Guilherme, sete meses, presta muita atenção quando sua mãe lê para ele desde seus dois meses de vida. “Percebo que ele fica muito atento nessas ocasiões”, conta Michelle Barboza Nascimento, mãe do futuro leitor.

Para a professora Maria Heloísa Melo de Moraes, doutora em letras e mestra em literatura infantil pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), não é à toa que Guilherme gostou tanto do livro de tecido. “Para as crianças menores de dois anos, a relação com a leitura começa com a aproximação com o objeto livro, um contato importante numa fase em que a criança está cercada de brinquedos que encantam pela visualidade”, explica. “Nesses primeiros anos, é fundamental que o livro seja colorido e gostoso de brincar.” Segundo a professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mônica Correia Baptista, a partir dos seis meses, os bebês já podem participar de situações em que a mãe, o pai, o professor ou algum outro mediador lhes mostrem gravuras, contem uma história baseada em ilustrações, mostrem cenas do cotidiano. “É importante que os adultos brinquem com eles usando a linguagem oral”, afirma.

Crianças autoras

Prova dessa relação de amor entre bebês e livros são as bebetecas, ou seja, os acervos voltados para os pequenos que começam a ganhar cada vez mais espaço nas escolas. Para organizar um espaço assim, Maria Heloísa recomenda livros de imagens e com pouco texto, com ilustrações coloridas e grandes. “Sugiro ainda que se dê preferência aos autores nacionais; nossa literatura infantil é considerada uma das melhores do mundo”, reforça. O ideal é mostrar às crianças de tudo um pouco. “Já a leitura para crianças com mais de 18

meses deve contemplar contos populares, com edições bem cuidadas e ilustradas”, diz Mônica.

Pesquisadora da Bebeteca de Can Butjosa, no povoado de Parrets Del Vallès, perto de Barcelona, na Espanha, e uma das idealizadoras da iniciativa similar na UFMG, Mônica conta que, na experiência espanhola, além do acervo, merece destaque o esforço para colocar os pequenos no centro do projeto. “Eles criaram o personagem Follet, um duende típico da Catalunha, e construíram toda uma história em torno dele”, diz. “Follet teria sido encontrado, ‘muito nervoso’, durante uma reforma no local, preso em um chiclete embaixo de uma carteira, e disse que morava ali há mais de 100 anos, mas que ia embora porque estavam destruindo a sua casa.” Para convencê-lo a ficar, conta Mônica, a pessoa que o encontrou prometeu que os visitantes iriam respeitar as regras que ele determinasse. Estava criado o principal símbolo do espaço: em respeito a Follet e seus ouvidos sensíveis, é preciso falar baixo e ler histórias, hábito do qual o mascote não abre mão.

Em Minas, o desafio é trabalhar junto às famílias. “A bebeteca ainda não está funcionando plenamente, mas abrirá aos sábados, para que os pais possam sentar com seus filhos e ler um livro”, explica Mônica, que pretende incluir no espaço outras atividades que vão além da leitura. “Temos ações como o Jogo de Fraldas, atividade desenvolvida em CanButjosa que consiste num encontro de mães para aprenderem canções de ninar e brincadeiras tradicionais”, afirma. O foco maior da bebeteca da UFMG, no entanto, é a formação do professor como mediador e promotor da leitura. “Nosso público-alvo são os futuros docentes da educação infantil, por isso vamos priorizar atividades nas quais esses estudantes possam aprender a promover a leitura dos 0 aos 6 anos.”

O maior incentivo à leitura, no entanto, vem do exemplo de pais e mães que valorizam a leitura e da escola, que oferece momentos de leitura e de interação com os livros. “Sem falar que a prática de ler histórias favorece o encontro entre o adulto e a criança de forma aconchegante, afetiva e delicada”, diz Mônica ■ (D.R.)



A PEDAGOGA E PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL EDILENE MODESTO DE SOUZA: AINDA HÁ CONFUSÃO ENTRE O CUIDAR E O EDUCAR

PROFESSORAS DE BEBÊS

Afeto, carinho, diversão, encantamento e muita observação. São essas as bases da pedagogia para os primeiros meses de escola de uma criança, num contexto no qual alunos e professores aprendem uns com os outros

De tanto ouvir o mesmo comentário, a professora universitária Maria Ângela Barbatto Carreiro já tem uma resposta pronta para aqueles que, numa tentativa de desqualificar o papel dos docentes nos primeiros anos de vida de uma criança, dizem que, ao entrar na escola, os pequenos apenas brincam. Como se isso dispensasse maiores preocupações pedagógicas. Titular da Faculdade de Educação da PUC-SP, Maria Ângela argumenta que sim, eles estão ali para brincadeira, mas que isso tem um sentido muito mais profundo. “É nas brincadeiras que se desenvolve a aprendizagem no início da vida escolar”, explica. “E os docentes estão ali para facilitar esses processos, para oferecer os estímulos adequados.”

Para Maria Ângela, essa ideia do docente sem maiores compromissos com o ensino e encarregado de entreter e cuidar, numa extensão das tarefas domésticas, vem dos tempos do pedagogo alemão Friedrich Froebel (1782-1852), idealizador dos jardins de infância, sendo o primeiro do tipo aberto na cidade de Blankenburg, Alemanha. Para Froebel, as crianças eram como plantas em fase de formação, precisando de cuidados especiais para crescer com saúde e de estímulos para aprender. Embora antiga, essa ideia ainda encontra eco em muitos educadores e nas famílias.

Avanços e desafios

A pedagoga e professora de educação infantil Edilene Modesto de Souza, de São Paulo, acredita que é a partir da consciência dos desafios que envolvem o trabalho dos professores nesses primeiros anos que diminui a confusão entre atividade pedagógica e continuidade dos cuidados maternos. As conquistas sociais e políticas também estão ajudando a mudar essa concepção.

“Na cabeça de muitos pais, as creches ainda são espaços voltados para o cuidado dos filhos, um conceito que vamos quebrando com a convivência, ao longo do processo de aprendizagem”, conta Edilene, mestranda em psicologia infantil pela PUC-SP. A boa notícia, diz ela, é que já se avançou muito nesse sentido. Ainda assim, na opinião da professora, falta investimento na for-

mação docente. “Não dá para ignorar a importância dos três primeiros anos no desenvolvimento de uma pessoa”, afirma Edilene. A especialista em educação infantil Maria Carmem Barbosa, da UFRGS, lembra que se trata de uma formação muito mais complexa e profunda do que se supõe. Educar bebês não é o mesmo que ser uma babá de um grupo de crianças. Tampouco tem a ver com o modelo de ensino dos professores de crianças mais velhas. “Precisamos discutir o que é ser docente no berçário. Os modos de planejar, avaliar, registrar, ensinar são muito diferentes daqueles do ensino fundamental.”

Embora não exista uma formação específica para os educadores de berçário, as pedagogas listam uma série de características que esses profissionais precisam ter. “Primeiro, tem de ser um profissional que respeite as crianças e acredite em seu potencial”, elenca Maria Carmem. Observar é fundamental. Como as crianças até 18 meses não falam, a professora precisa aprender a decodificar sua linguagem de olhares, gestos, risadas, choros e sussurros. Saber contar história, recitar poema, cantar e dançar, ensinar um bebê a comer sozinho. Olhar cada criança em sua individualidade. Saber que é através da brincadeira, do uso lúdico das atividades, que eles entendem o mundo que os cerca. “Usar atividades que mexam com os cinco sentidos é essencial: ver, poder tocar, cheirar, ouvir, descobrir os sabores dos alimentos”, exemplifica Maria Ângela, mostrando que até o ato de comer é uma grande brincadeira. Por fim, dar afeto e demonstrar carinho são atos que ajudam a criar cumplicidade e inspiram segurança.

Na prática, trata-se de um eterno aprendizado no qual professores aprendem com os bebês. “Estamos falando da possibilidade de esse profissional caminhar de mãos dadas com a criança, percorrendo suas tramas, apoiando suas iniciativas, sua curiosidade investigativa, seus interesses e suas singularidades”, define Tacyana Karla. “É nessa parceria que se concretiza o verdadeiro significado da educação infantil: o desenvolvimento pleno e integrado da criança e o direito a uma infância feliz desde o comecinho da vida” ■ (D.R)